

O que você pode fazer pelo País, na opinião de Quércia.

"Uma mobilização nacional para dar respaldo ao governo na negociação da dívida externa" é o que pede o governador Orestes Quércia, convencido de que a falta de sintonia e da conjugação de esforços está prejudicando o Brasil. Na sua opinião, se não houver uma negociação rápida da dívida "o País acabará tendo que recorrer ao Fundo Monetário Internacional, cuja receita é muito ruim para o Brasil", afirmou ontem no Palácio dos Bandeirantes.

Quércia acredita que a proposta do ex-ministro Bresser Pereira, de deságio da dívida brasileira, estava correta, "mas não havia internamente uma mobilização nacional nesse sentido, porque o País estava mais preocupado com o mandato do presidente e com os problemas políticos que existe".

A questão da dívida externa, segundo o governador, deve merecer reflexão e amplo debate. "Se os mexicanos conseguiram um resultado bastante positivo para a negociação de sua dívida, o Brasil também pode conseguir. O México obteve uma inovação, porque os norte-americanos vinham dizendo que a questão da dívida era relativa aos bancos e não ao governo, mas o governo dos Estados Unidos acabou entrando na negociação. Acho que o governo norte-americano pode e tem a responsabilidade de participar também da negociação da dívida brasileira", acentuou Quércia.

O governador acha que, se as coisas continuarem como estão, "o Brasil vai acabar caindo no FMI mesmo, e isso seria algo muito ruim para o desenvolvimento do País". Quércia acrescentou que espera a agilização da constituinte, para que seja possível o estabelecimento de uma definição sobre a dívida externa.

Volta se Impõe

"A volta do Brasil ao FMI mais do que nunca se impõe, porque o fracasso da política econômica interna deixou os credores com as barbas de molho", afirmou ontem, em Porto Alegre, o vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Paulo Vellinho, acrescentando que a vigilância do Fundo é "um direito do credor, para ver se o Brasil está aplicando corretamente o que recebe, afinal um país que declarou, de surpresa, uma moratória técnica, mais do que nunca precisa ser tutelado". Na opinião de Vellinho, o restabelecimento de relações com o sistema financeiro internacional seria uma demonstração de bom senso, porque isto possibilitaria o reingresso de recursos externos no País.

Já segundo o presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul (Federasul), César Rogério Valente, o ministro Maílson da Nóbrega está somente "se rendendo a fatos objetivos", mas a mudança da situação econômica interna só acontecerá quando o governo mostrar, concretamente, que adota as medidas necessárias para o reordenamento da economia. "Só acreditarei no controle do déficit público quando ficar realmente demonstrando que isto foi feito. Só anunciar que vai controlar os gastos, não adiante."

Por sua vez, o presidente da Associação Comercial de Minas, Hiram Reis Correia acredita que a volta ao FMI acarretará o adiamento definitivo do projeto de construção da ferrovia Norte-Sul. No seu entender, a política econômica do FMI é rigorosa quanto à elaboração e cumprimento dos orçamentos públicos. "Por isto, indicará que o projeto não é oportuno, demonstrando-se uma austeridade, portanto, benéfica ao Brasil.